

TABELAS DE MEDIDAS E A EVOLUÇÃO DO CORPO DA MULHER BRASILEIRA

DANIELA NUNES FIGUEIRA¹

RESUMO

Estuda a evolução da moda através do século XX, na tentativa de compreender o que acontece com o corpo da mulher. Estuda o histórico do corpo da mulher brasileira, buscando entender de onde vem o reflexo dos dias atuais em torno deste corpo, esculpido e transformado, uma negação do nosso corpo, tal como ele deveria ser. Faz um levantamento de tabelas de medidas de revistas e livros técnicos, como a ilustração comparativa do quanto o corpo se modifica a partir da década de 60 até os dias de hoje.

INTRODUÇÃO

Em anos de dedicação à modelagem, trabalhando não só para confecções, mas para estilistas, desfiles e hoje também como professora de Modelagem, identifiquei que uma das maiores problemáticas da área é o tipo de numeração que se encontra a venda no mercado. Não se trata apenas de uma visão técnica, pois percebo a dificuldade que as mulheres em geral têm de comprar suas roupas.

Uma vez identificado o problema, resolvi fazer um levantamento, rastrear a evolução destas tabelas de medidas que vigoram hoje no mercado de roupas femininas.

O que espero com este trabalho é tentar mostrar da forma mais clara possível que não existe espaço em nosso país para o nosso padrão de corpo. Não estou me referindo a mulheres obesas, com numeração de corpo acima do que seria este padrão. A produção de moda favorece um biótipo imposto pela mídia de corpos esculpidos seja pela cirurgia plástica ou pela mídia com as

¹ Especialista em Moda e Criação, da Faculdade Santa Marcelina (2004)

grandes modelos que cansamos de ver nas capas de revistas. Estas sim têm um grande mercado aberto aos seus pés.

Minha preocupação como profissional da área de moda, e agora como pesquisadora é essa fatia achatada entre estes biotipos. Uma fatia que considero, em meu trabalho, ser a da mulher brasileira. Aquela que teria busto pequeno, cintura fina e quadril largo.

Para apontar estes problemas, fiz um breve histórico da moda no século XX, e em seguida outro sobre a evolução do corpo brasileiro, objeto de estudo neste trabalho, passando pelas influências culturais sofridas ao longo desses anos e reflexo do que somos hoje.

Num segundo momento, fiz um levantamento sobre algumas tabelas de medidas disponíveis em periódicos e livros técnicos, onde podemos perceber como o corpo se modifica durante o período da década de 60 do século XX até os dias de hoje.

NOSSO CORPO MODERNO

Como pudemos ver, no fim do século XIX começava todo um movimento de negação da nossa raça, pura ou não.

Com a virada do século XX, a modernidade começava, de fato, a se instalar no mundo e nós começamos a acompanhá-la. Em passos mais lentos sim, pois somos uma civilização recente, mas muito sofridos também.

O fato de sermos uma nação tão recente não nos permitiu a força necessária e a auto-estima elevada o suficiente para acompanhar, ou até mesmo combater de forma menos dolorida, os avanços exigidos pela sociedade em geral e, no caso específico que estamos enfocando, em torno da mulher. Os mesmos movimentos que aconteciam pelo mundo acabavam de certa forma por nos influenciar, mas com uma diferença: os países ditos do primeiro mundo já tinham seu passado, já tinham uma trajetória que servia de base. Esses países tinham sua cultura, desenvolvida ao longo dos séculos. Seus povos acreditavam que as coisas tinham que mudar, melhorar, evoluir enfim, tudo em decorrência de experiências vividas de fato. Nós aderimos aos movimentos de liberdade sem

nem sequer termos tido tempo para nos sentirmos de fato presos, injustiçados ou, até mesmo, fartos da dominação estrangeira.

A moda no Brasil acompanhava as tendências vindas do exterior. Chegando no século XXI com uma forte influência sobre o corpo, negando as raízes miscigenadas em função da busca do físico perfeito imposto pela mídia.

Nos anos 80 tivemos um corpo malhado, com músculos e saúde, e nos anos 90, sob a influência das *top models*, o corpo era quase que raquítico, a extrema magreza prevalecia. Agora, na primeira década do século XXI, a magreza continua a ser o padrão, mas com um pouco mais de curvas. É o modelo *Barbie*.

O que não podemos esquecer é que nosso biótipo é de mulheres com curvas avantajadas, a mulher brasileira sempre foi conhecida no mundo todo por seu “padrão violão”, o mesmo que negamos a todo custo. Essa negação do próprio corpo traz insatisfação constante, e elas nunca acham está bom.

Tão acostumadas com a rapidez com que as coisas acontecem no mundo moderno, as mulheres, que já têm seu papel fundamental e algumas vezes insubstituível no mercado de trabalho, e ainda com a casa e filhos sob seus cuidados, têm cada vez mais dificuldades em conseguir o tempo livre necessário para ficar malhando na academia. Para essa mulher moderna, a solução tem que ser tão rápida quanto o resto. Fica muito mais fácil se submeter a uma cirurgia e montar o corpo como quem faz compras em um supermercado.

É a total rejeição aos nossos antepassados mais distantes, e pior, a total falta de respeito e banalização do próprio corpo.

Ao invés de criarmos padrões adequados ao nosso corpo, ao invés de tomarmos posse do que efetivamente nos pertence, ficamos como sempre a mercê do que vem de fora, valorizando uma cultura que não é a nossa, massacrados por uma dominação cultural que vem desde os primórdios da nossa colonização. Pouco a pouco, nos transformamos em verdadeiros *Frankensteins* modernos, porém magros e aparentemente felizes.

Será que vale a pena? Será que não está na hora de valorizarmos nossas raízes e definitivamente assumirmos nosso corpo e nossa cultura?

AMOSTRAGEM DE TABELAS DE MEDIDAS

Para ilustrar de forma mais clara a variação entre as medidas de corpo encontradas no mercado e, portanto a necessidade de uma padronização, fiz uma coleta de algumas tabelas de medidas encontradas em periódicos e livros da área de modelagem em épocas diferentes, mais precisamente a partir da década de 60.

Por se tratar do único periódico onde houve uma coleta significativa a Revista Manequim será apresentada em um capítulo à parte.

Durante as amostragens destas tabelas de medidas são colocados alguns gráficos, a fim de deixar mais evidente e clara a alteração das medidas do corpo durante aquele período.

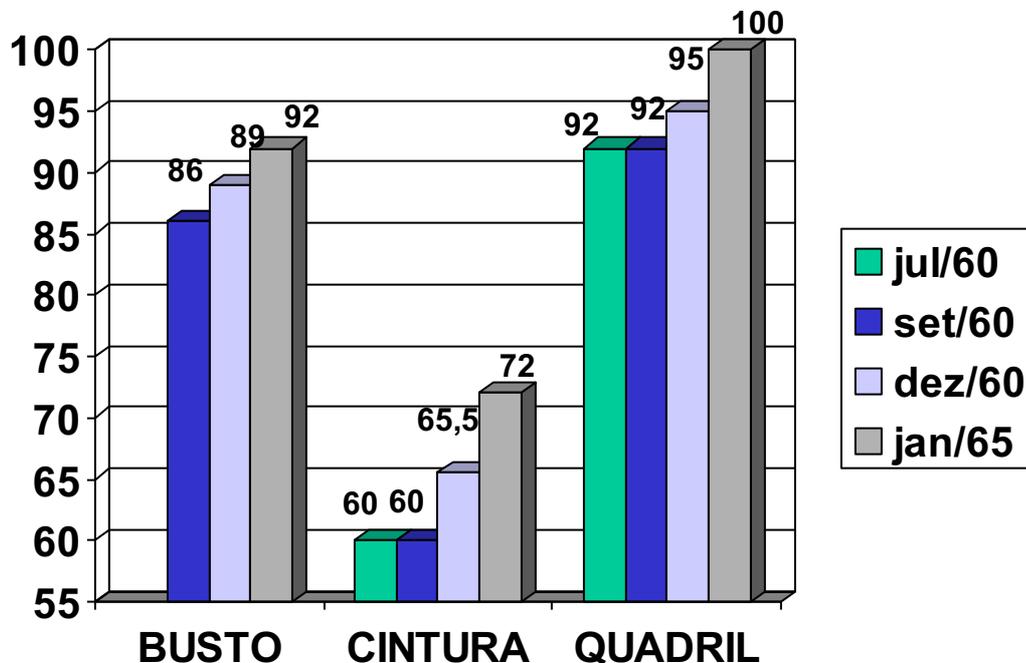
REVISTA MANEQUIM

Na Revista Manequim até a edição de número 13, os moldes eram vendidos por encomenda e apesar de serem solicitados segundo o tamanho da leitora, não havia nenhuma tabela de medidas na qual elas pudessem identificar seu tamanho. A partir da edição número 13, a revista começa a “dar aulas” de corte e costura, onde ensina a fazer peças básicas do vestuário utilizando como manequim básico o tamanho 42. A primeira edição onde encontrei uma tabela de medidas foi a de número 18, onde o menor tamanho era o 42, deixando claro que o público alvo da revista era de fato a dona de casa, a mulher que se cuidava, mas ainda sim com suas medidas mais realistas. Somente a partir da década de 70 a revista adota a tabela de medidas como a conhecemos hoje, com uma grade mais abrangente, considerando tanto tamanhos menores como o 36, como também os maiores, apresentando em algumas edições até o tamanho 58.

Em função desta variação na amostragem da Revista Manequim, suas medidas serão analisadas separadamente da seguinte forma: da edição de julho de 1960 até janeiro de 1965 e da edição de julho de 1970 até setembro de 2004.

No gráfico apresentado, podemos fazer as seguintes leituras:

- Busto: em um mesmo ano esta medida sofre uma alteração de

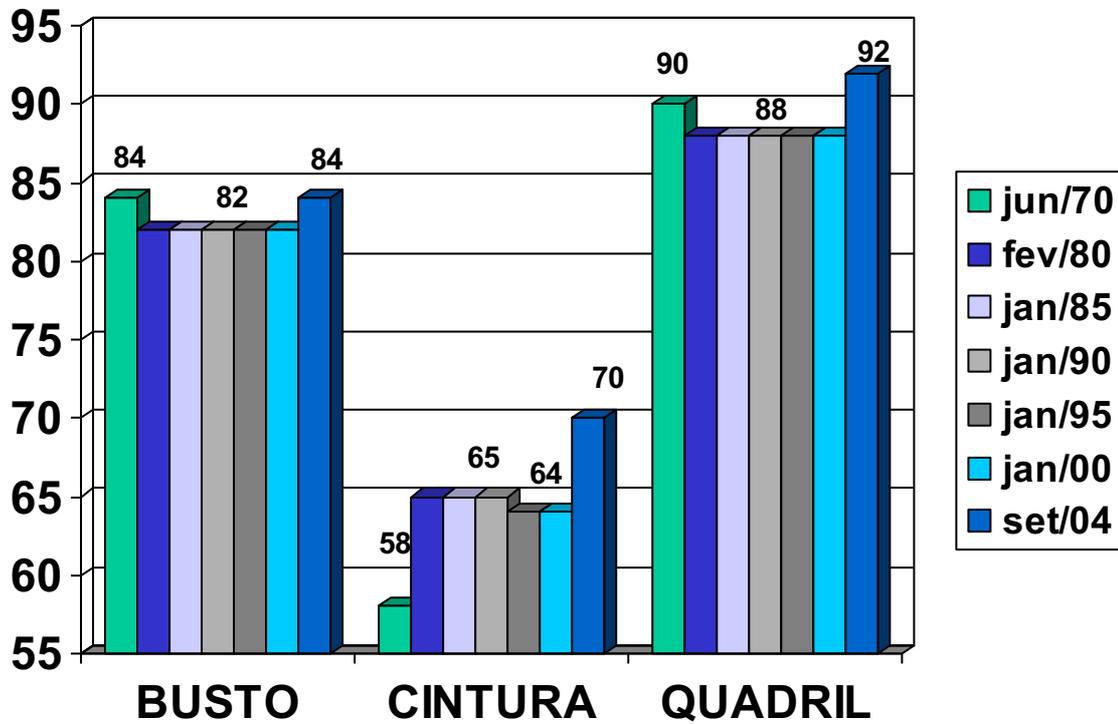


- Busto: 3,0cm e mais 3,0cm nos próximos 5 anos. A medida de busto apresentada em janeiro de 1965 já é compatível com a medida de busto de um manequim 42 nos dias de hoje.

- Cintura: de julho para dezembro de 1960 esta medida sofre 5,5cm de alteração e 6,5cm nos próximos 5 anos. Um fator a ser observado é que estas medidas referem-se ao tamanho 42, e a cintura utilizada para este manequim em 1965 é apenas 2,0cm maior que a cintura divulgada pela mesma revista em setembro de 2004.

Acredito que este fato ocorre em função de que somente na década de 60 a cintura começa a ser menos valorizada, ou seja, o corpo ainda tem o formato “vespa” valorizado na década de 50, e que com a moda andrógina que começa a surgir, a cintura deixa de ser marcada e começa a “voltar” para seu tamanho natural.

- Quadril: de julho a dezembro de 1960 esta medida sofre uma alteração de 3,0cm e mais 5,0cm nos próximos 5 anos. Também nesta medida podemos observar que existe coerência com a medida utilizada nos dias de hoje.



Sobre o gráfico acima podemos fazer as seguintes leituras:

- Busto: apesar de já estamos falando de manequim 38, em junho de 1970 a medida de busto acompanha a proporo da tabela referente a janeiro de 1965. Nas décadas de 80 e 90 o busto deixa de ser valorizado, pois era a androginia que estava em alta. Em 2000, o corpo ainda respeitava este formato, e agora, em 2004, podemos ver novamente o busto sendo valorizado, com as próteses de silicone como apoio.
- Cintura: esta medida está em junho de 1970 muito menor em relao  cintura divulgada em janeiro de 1965, onde seguindo a proporo o tamanho 38 deveria ter como medida de cintura 64cm. Podemos observar que a partir de fevereiro de 1980, a cintura já começa a ser mais proporcional. Em funo provavelmente das calças de cintura baixa, esta medida chega em 2004 com 70cm, medida esta muito maior que as utilizadas em confecçoes, mas que ao meu ver, são mais próximas da realidade da grande maioria das mulheres.
- Quadril: no que se refere a proporo, esta medida aparece em junho de 1970 2,0cm menor que a apresentada em janeiro de 1965. Também em funo da androginia, esta medida se reduz mais ainda até o ano 2000. Já agora, seguindo

o movimento de culto ao corpo e valorização das curvas esta medida se altera em 4,0cm.

CONCLUSÃO

Ao começar a desenvolver este trabalho, minha intenção era fazer um levantamento destas tabelas de medidas apenas para comprovar através de números minhas opiniões fundamentadas pura e simplesmente em minhas experiências profissionais. Agora, ao final do mesmo, após tantas pesquisas sobre a história da moda, história da evolução do corpo feminino e até sobre a evolução “histórica” destas tabelas, consigo perceber que a necessidade de uma padronização vai muito além dos números em que eu me apoiava.

A modelagem é muito mais que isso. Ela também conta a história, revelando de forma matemática, o que me parecia impossível, toda a evolução cultural de um povo, toda a sua essência.

O resgate de toda a nossa cultura corporal de faz necessária. A valorização “das nossas raças” é essencial para que a nossa história continue e se fortaleça, assim como deve ser fortalecida também a auto estima da mulher brasileira, infeliz com seu corpo, considerado maravilhoso por outras culturas, mas ainda com seu poder ignorado por suas almas.

BIBLIOGRAFIA

CASTILHO, Kathia e Diana Galvão **A moda do corpo, o corpo da moda**. São Paulo: Editora Esfera, 2002.

BRAGA, João. **História da Moda: uma narrativa**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004. (Coleção Moda e Comunicação / Kathia Castilho (coordenação)).

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao Corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.

CAVALHEIRO, Rosa Marli e Rosa Lúcia de Almeida Silva SENAC. DN. **Moldes femininos: noções básicas**. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 2003.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Editora SENAC

São Paulo, 2000. (Série Ponto Futuro; 2).

DEL PRIORE, Mary (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

LAVIER, James. **A Roupas e a Moda: uma história concisa**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

QUEIROZ Renato da Silva (org). **O Corpo do brasileiro: estudos da estética e beleza**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

SABBAG, Esmeralda. **Proposta curricular para o ensino pré-profissionalizante; vestuário feminino**. São Paulo, SE/CENP, 1983.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SCHPUN, Mônica Raisa. **Beleza em Jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Editora SENAC de São Paulo, 1999.

Periódicos

MANEQUIM, São Paulo, n.13, p. 30, julho, 1960

MANEQUIM, São Paulo, n.15, p. 356, setembro, 1960

MANEQUIM, São Paulo, n.18, p. 37, dezembro, 1960

MANEQUIM, São Paulo, n.67, p. 71, janeiro, 1965

MANEQUIM, São Paulo, n.129, p. 51, junho, 1969

MANEQUIM, São Paulo, n.242, p. 2, fevereiro, 1980

MANEQUIM, São Paulo, n.301, p. 60, janeiro, 1985

MANEQUIM, São Paulo, n.361, p. 2, janeiro, 1990

MANEQUIM, São Paulo, n.421, p. 3, janeiro, 1995

MANEQUIM, São Paulo, n.481, p. 2, janeiro, 2000

MANEQUIM, São Paulo, n.537, p. 2, setembro, 2004-10-07